

## Quixotismo: um percurso para o herói problemático na literatura brasileira

Eunice Prudenciano de Souza<sup>1</sup> (UNESP)

...

### Resumo:

*Resumo: Lukács aborda, em **Teoria do Romance**, o idealismo abstrato, cujo modelo exemplar encontramos em **Dom Quixote**, obra instauradora do herói problemático. Quixote seria o representante do individual em conflito com a sociedade. Essa tipologia de herói pode ser verificada em três grandes heróis (ou anti-heróis) da narrativa brasileira: Coronel Ponciano, Policarpo Quaresma e o Capitão Vitorino. As ações desenvolvidas por esses heróis são dissonantes com a realidade e culminam em situações tragicômicas. Tomados pela idéia fixa, criam uma espécie de redoma que os impede de traçar os limites da realidade e, a despeito de suas ações infundadas, continuam lutando para a concretização de seus respectivos projetos. Como consequência dessa dissonância entre ser e sociedade, instaura-se um conflito, uma ruptura insuperável entre o ser e a sociedade. E a loucura aparece como elemento impulsionador para a busca desses heróis, que se vêem munidos de poderes irreais, permanecendo em um estado ilusório do poder-fazer no mundo.*

**.Palavras-chave:** herói, sociedade, idealismo, loucura, diálogo

### Percurso do herói problemático

Lukács define, em **Teoria do Romance**, o idealismo abstrato, tomando como modelo **Dom Quixote**, que dá início ao herói problemático – ser solitário frente às contradições da realidade. De sua ruptura com o mundo, decorre um estreitamento da alma deste herói, que se esforça para realizar-se exteriormente. Sua alma está encerrada num mundo de certezas e nada que vivencia é proveniente de matéria de experiência vivida, todas as suas ações estão voltadas para o exterior. O ideal assume a função de realidade única, e o ser está voltado para o desejo da atividade constante, seu programa narrativo volta-se então para a ação.

A alma desse herói é acabada em si mesma, como uma obra de arte ou divindade, e não pode exprimir-se senão por meio de atitudes inadequadas “devido a esse encerramento maníaco em si mesmo” (LUKÁCS, 1933, p.113); conseqüentemente suas ações não encontram respaldo na sociedade que o cerca, gerando o conflito do individual com o coletivo. “Assim o máximo de sentido adquirido pela experiência vivida torna-se o máximo de não-senso: a sublimidade torna-se loucura, monomania” (LUKÁCS, 1933, p.113).

A partir de **Dom Quixote**, houve uma reconfiguração do gênero romanesco. Com a obra, Cervantes apresentou ao mundo o herói solitário, individual, em conflito com o meio decadente que o cerca. Dessa forma, o herói do romance passa a representar uma única classe, em confronto com as demais. A oposição entre indivíduo e coletivo será a principal configuração dessa nova forma, decorrente do desligamento do indivíduo com a sociedade, como consequência das contradições do mundo burguês.

Desde então, incontáveis obras tem dialogado com **Quixote**, principalmente em relação ao seu herói. Talvez anti-herói seja mais adequado para designar uma personagem frágil, sem beleza, contrário a tudo o que representava a idéia de herói até o momento. **Dom Quixote**, dessa maneira, transformou-se em um modelo narrativo a ser seguido.

Dom Quixote enlouquece lendo romances de cavalaria e sai pelo mundo na tentativa de desfazer agravos, lutando pelos injustiçados. Tomado por idéia fixa, pauta-se pela ação, não percebendo

do sua falta de correspondência no mundo exterior. Para ele o destino é o que menos importa, seus valores estão voltados para a ação e o reconhecimento do indivíduo. Luta por liberdade e honra, quer afirmar-se como ser humano, com todas as suas contradições, imerso em um meio hierárquico e dogmático.

Há em **Dom Quixote** “uma manifestação, profética, da solidão radical do homem, do caos absurdo da realidade, e da desilusão sistemática total e sem esperança, que nutre tantas camadas do pensamento e da arte hodiernos” (CAL, 1973, p.11). São inúmeros os momentos em que o “cavaleiro da triste figura” enfrenta as leis e os costumes vigentes, lutando pela justiça e pela paz. Dom Quixote acredita em seus ideais e deixa-nos claro ao dizer que “pela liberdade, assim como pela honra, se pode e se deve arriscar a vida”; traçando-nos seu percurso narrativo.

Essa tipologia do herói problemático, encontrada em Quixote, verifica-se em três grandes heróis da narrativa brasileira do século XX: Coronel Ponciano, de **O Coronel e o Lobisomem** (1964); Policarpo Quaresma, **Triste Fim de Policarpo Quaresma** (1915); e o Capitão Vitorino, de **Fogo Morto** (1943). São nítidas as projeções quixotescas nesses heróis que, assim como o herói cervantino, estabelecem uma ligação conflitante com a realidade.

Nosso estudo comparatista converge para o paradigma do herói problemático definido por Lukács, a partir do texto centralizador de **Quixote**, buscando marcas, decorrentes do trabalho de transformação e assimilação nos respectivos textos. A partir de realidades brasileiras diferentes, o mito quixotesco aparece simbolizando um ideário de vida alternativo frente à solidão do homem moderno. Tentaremos mostrar as ressonâncias quixotescas nesses heróis, destacando as aproximações e os contrastes revelados. Engendrado nessas figuras o quixotismo ganha contornos peculiares em suas situações específicas de contextualização.

O coronel Ponciano de Azeredo Furtado, espécie de herói picaresco da cidade de Campos de Goitacazes, vive em um tempo em que o papel político-social do coronelismo já não possui respaldo ideológico. Herda do avô as terras e um papel temático que não lhe é apropriado. Diante da sua inadequação ao tempo/espaço que o cerca, suas ações tornam-se desprovidas de sentido. Contador de suas façanhas e de seu esforço para lutar contra as mais variadas formas de injustiça, no entanto, é um ingênuo diante das safadezas dos novos tempos; despreparado em questões econômicas e administrativas (especulação do açúcar), não consegue lidar com as transformações dos novos tempos.

Narrador-protagonista, só conta o que quer e do jeito que quer. Espécie de cavaleiro andante das causas perdidas, solteirão e rico. Ao longo das descrições das peripécias do coronel Ponciano, visto que estão sob seu ponto de vista, temos as suas bravatas militares enaltecidas, colocando-o na condição de destemido, porém, com desfechos burlescos. Isso porque o coronel nem sempre age de acordo com a preparação militar que diz haver recebido, fugindo de qualquer enfrentamento. Na maioria das vezes, é, de modo desastrado e ao mesmo tempo engraçado, empurrado pelas circunstâncias a lutar. A despeito de ser descrito como em feitio de palmeira, enorme, com quase dois metros de altura, sua coragem, seu heroísmo, não estão em consonância com seu tamanho. A personagem de José Cândido não possui o mesmo idealismo que a de Cervantes. Sua coragem é falsa, assim como toda sua performance. Suas convicções são frágeis, ao contrário dos firmes propósitos de Dom Quixote; provavelmente, porque lhe foram incutidas pelo avô. Herdara um papel que não era o seu.

Ponciano quer a manutenção da tradição, não aceita o mundo novo que urge. Deseja reafirmar as leis e costumes vigentes, nos quais ocupa posição de poder. Durante toda a narrativa, ele tenta manter seu poder intacto, “luta” para manter sua aparência como todo poderoso. Vive constantemente num mundo ilusório, em ruínas. Mas, quando é finalmente vencido pelo NOVO, perde sua identidade e razão, e já não pode fazer parte desse mundo.

Em sua trajetória como cavaleiro andante das causas perdidas, o solteirão coronel Ponciano passa por inúmeros casos em que luta pela ação do mágico sobre o racional, do primitivo sobre o moderno, do instinto contra a civilização. Ponciano não consegue adaptar-se ao mundo urbano nascente e enlouquece. Quixote, em seu insano percurso como cavaleiro andante, luta por sonhos e ideais, porém, ao perceber que já não pode fazer parte do mundo fantasioso da cavalaria, retoma a razão perdida e morre. Dessa forma, os protagonistas, mesmo diante de destinos opostos, Ponciano, da razão para a loucura, e Dom Quixote da loucura para a razão, são contrapontos em duas trajetórias de vida ilusórias.

O Capitão Vitorino, um dos três núcleos em torno dos quais gravitam as três partes de **Fogo Morto**, possui nítidos traços quixotescos. Em meio a uma sociedade desigual, não concorda com os desmandos do poder local. Sonha com uma sociedade mais igualitária e faz de seu sonho seu projeto de vida. Apesar de possuir parentes poderosos e influentes, em seu desvario, sonha em derrubar a todos, construir um novo governo, “com ele não havia grandes mandando em pequenos”. Seu poder é imaginário, carrega no nome o paradoxo, enquanto diz que muitos andavam atrás dos poderosos como se fossem carneiros, ele é Vitorino Carneiro da Cunha. Apesar de se sentir “como se fosse senhor do mundo”, Vitorino é como um carneiro, é inofensivo. Seu poder é tão limitado quanto ao das outras personagens em questão. O Capitão Vitorino, que era considerado o palhaço do povo, é, contudo, o único a lutar, sem medo, contra a opressão exercida pelos poderosos. Vitorino é um idealista e desperta simpatia por seu humor e lirismo. Como quixote, é um sonhador, aquele que enfrenta os “moinhos”, sem se importar se será o vencedor. Vive em errância pelos sertões, em luta quixotesca contra as injustiças sociais.

O Major Policarpo é um patriótico comandante militar, funcionário público que toma para si a incumbência de endireitar o país. Em sua presunção, crê-se dotado de conhecimentos suficientes para modificar as estruturas culturais, agrárias e políticas da nação. Suas atitudes excêntricas são sempre extremadas e incompreendidas, não demora muito para tornar-se chacota pública com a idéia de adotar o tupi como língua oficial. Excluído da comunidade, acaba por se internar em um manicômio. Posteriormente tenta uma reforma pela agricultura, e, como sempre, age de forma desatinada, o que acaba por provocar o riso daqueles que o cercam. Quando tenta uma reforma pela política, ironicamente, acaba preso pelo governo que defendera a vida toda. Desiludido, quando descobre que seus interesses são incompatíveis com os da sociedade, deixa-se morrer. A própria epígrafe do romance já chama a atenção para a incompatibilidade entre ideal e realidade:

O grande inconveniente da vida real e que a torna insuportável para o homem superior é que, se para ela são transportados os princípios do ideal, as qualidades se tornam defeitos, tanto que muito freqüentemente aquele homem superior realiza e consegue bem menos do que aqueles movidos pelo egoísmo e pela rotina vulgar. (RENAN apud BARRETO, 1997, p. 13)

A epígrafe, retirada de um romance do escritor e pensador francês Ernest Renan, destaca que ideais, muito nobres, de pouco valem no mundo real, governado por interesses e proveitos pessoais, o que, de certa forma, nos antecipa o fracasso final de Policarpo Quaresma. Como as outras personagens em questão, Policarpo possui grande fidelidade por seus princípios. Possui um idealismo social dissonante com os interesses da maioria e, como Quixote, ingenuamente luta por seu ideal e faz dele sua vida. Fecha-se em si mesmo, e tomado pelo desejo de ação não consegue perceber a incongruência de suas atitudes. Policarpo, assim como Ponciano e Quixote, autodestrói-se porque compreende que o conflito em que se debate é insolúvel e só resta o desaparecimento; diante da desilusão de ver fracassada toda sua luta, só a morte é possível.

O tema do poder perpassa essas obras, atuando nas performances de seus protagonistas, figuras anacrônicas, demonstrando o descompasso de cada um com seu exterior. Assim como Quixote, intencionalmente, toma “dom” para designar sua importante linhagem, Ponciano, Vitorino e Quaresma levam junto de seus nomes, respectivamente, os indicativos das patentes de coronel,

capitão e major. Ilusoriamente, acreditam que servem para indicar a honra e o respeito esperados para as suas pessoas. Atribuindo-se características irreais ou, pelo menos, que não estão em consonância com a realidade que as cerca, vêem-se impedidas de traçar os limites entre a ficção e o delírio.

De alguma forma, essas personagens têm no delírio uma forma de postar-se diante do mundo. A despeito de o homem insano ser aquele tomado em um mundo social real, sancionado negativamente pela sociedade de que faz parte, nossos anti-heróis fazem da insanidade uma maneira de se colocarem em papel centralizador. Possuem o traço do trágico-cômico; trágico quando se pensa na impotência do ser diante das circunstâncias, porém descambam para o cômico quando exageram em suas ações e falas, tornando-se hiperbólicas, burlescas. A despeito de suas ações infundadas, continuam lutando para a concretização de seus respectivos projetos até as últimas consequências.

Nos romances em questão, o modelo de ação é individual e não coletivo. Seus protagonistas são tomados pelo individualismo – termo tomado aqui como sentimento ou conduta autocentrada como princípio, conforme abordagem de Watt (1997). Nossos heróis, tomados pelo egocentrismo, fazem suas escolhas com inteira liberdade e estão dispostos a alcançar seus objetivos a qualquer custo. São homens dominados pelo próprio ego, e suas extravagâncias são os maiores determinantes do curso de suas ações. Com um objetivo traçado não conseguem perceber o despautério de suas ações e não se permitem voltar atrás em suas trajetórias pré determinadas.

As concepções dessas personagens estão ultrapassadas ou são inadequadas em relação às suas existências. No momento em que o mundo real se sobrepõe ao ilusório, perdem-se e não conseguem fazer com que suas ações tenham sentido. De certo modo, quando deixam de acreditar em seus valores, morrem. O sonho é o que os mantém vivos, no descompasso entre a interioridade e a exterioridade estão sempre em busca de algo, trilham um percurso ilógico na vã tentativa de atribuir sentido às suas trajetórias. E estão sozinhos nesse percurso, sentindo a solidão do homem moderno no mundo. Ou, segundo Lukács (1933, p. 103), de algum modo o romance demonstra a inadequação entre o mundo interior e o mundo exterior, assim o herói do romance equivale à abelha que se choca contra o vidro sem perceber que por ali não há caminho.

A inadequação desses herói representa as contradições e o desajuste do homem-moderno com seu aqui/agora. Diante do conflito do ser com o mundo, a loucura aparece como elemento impulsionador para a busca desses heróis, que se vêem munidos de poderes irreais, permanecendo em um estado ilusório do poder-fazer no mundo, como uma maneira de não se compactuar com os valores vigentes. A loucura é a única forma encontrada para sobreviverem na sociedade degradante que os cerca e, de alguma forma, cada herói a seu modo, afronta à ordem estabelecida.

A loucura advém da inadaptação do ser ao meio e para essas personagens não há retorno, a única possibilidade é a morte. “Em Cervantes [...], a loucura sempre ocupa um lugar extremo no sentido de que ela não tem recurso. Nada a traz de volta à verdade ou à razão. Ela opera apenas sobre o dilaceramento e, daí, sobre a morte” (FOUCAULT, 1999, p. 3). Há uma In-dependência entre Razão e Loucura, assim como a morte é a não vida, a loucura é a não razão, não obra. Nesse sentido, esses heróis operam sobre a Morte, pois não lhes resta alternativa e, não conseguindo sobreviver em meio a uma sociedade com a qual não possuem qualquer identidade, sucumbem. Quando percebem sua impotência diante do mundo, há o choque do reconhecimento, da frágil verdade de cada, sem o menor correspondente externo.

Cada ser encontra uma forma de colocar-se no mundo. Mas, talvez o mal de nossas personagens advenha da crença total, porque “pouco importa aquilo em que se acredita, desde que se não acredite completamente” (RUSSEL, 1965, p. 213). A crença total leva à loucura. E, diante do reconhecimento de que suas crenças e verdades, às quais devotaram incondicionalmente suas vidas, são irreais, infundadas, Quixote, Ponciano e Quaresma optam pela morte.

Em Vitorino não se dá o reconhecimento, ele crê em sua verdade e a loucura é a única forma de possível convivência com o real. Vitorino é o único em que a morte não aparece como solução para seu descompasso com a realidade. Para ele a loucura aparece como único modo de sobrevivência. Faz da sua loucura sua verdade, sem se importar com a verdade coletiva. Entre os quatro, Vitorino também é o único que, de alguma forma, consegue ser bem sucedido no campo amoroso; ao menos se casou. Apesar de a mulher Adriana não ocupar parte significativa em sua vida, juntamente com o filho, é um modo de conectá-lo ao exterior.

Quixote, Ponciano e Quaresma são solteirões e cinquentões. Suas idéias fixas não permitiram quaisquer desvirtualização de seus projetos de vida. Definindo personagens tomadas pelo individualismo, como Quixote, Watt afirma que essas personagens tornam-se tão marcantes por “serem monomaníacos; nenhum deles está particularmente interessado em outra pessoa; estão, isto sim, voltados exclusivamente para seus empreendimentos pessoais; assim, eles se definem mediante aquilo que de alguma forma decidiram fazer ou ser”. (1997, p.233)

## **Conclusão**

“Eis um dos principais aspectos do quixotismo: a solidão na luta. [...] ele luta sozinho contra quantos e quais forem os inimigos, gente ou gigantes, encantadores ou exércitos.” (BERNARDO, 2006, p. 71) Cada indivíduo representa apenas uma das classes em luta. **Dom Quixote** satiriza o heroísmo desgastado da cavalaria e a degradação da sociedade burguesa. O Coronel Ponciano é o representante do mundo do coronelismo que está morrendo, contra a desvalorização do homem na sociedade capitalista moderna, satirizando os falsos valores do mundo do coronelismo e, por outro lado, criticando os valores degradantes da sociedade emergente. Por outro lado, Vitorino é a voz solitária que clama por um mundo novo, livre do clientelismo característico da política do coronelismo, é o representante da classe esmagada pelo poder dos coronéis, em um momento em que esse poder já está em decadência. Policarpo é aquele que quer o bem geral da nação enquanto cada um luta por interesses próprios, mas, acima de tudo é aquele que acredita poder transformar o país. Acredita poder transformar a realidade brasileira e dedica toda sua vida a esse projeto.

Mesmo que cada um dos autores trate o assunto à sua maneira, nas quatro obras os protagonistas são heróis às avessas, tocados pelo traço da loucura em meio a uma sociedade desigual, detentora de falsos valores. As respectivas obras são sátiras às suas épocas e de algum modo cada herói representa um ideal, uma busca de valores nobres em mundo decadente.

No decorrer do curso das ações passamos a admirar essas personagens, pois “embora nos tenham ensinado a esconder do público a visão escarnecedora ou infamante, somos compelidos a admirar aquele que não consegue ocultá-la” (WATT, 1997, p.83), afrontando às convenções sociais. Ao se decepcionarem com o mundo como ele é, decidem seguir cada um seu próprio caminho, transformando-se em alvo de desaprovação e repressão social.

Em **Teoria do Romance**, Lukács adverte que, no idealismo abstrato, esse respectivo tipo de romance corre perigo de transformar-se em incontinência e abstração, se não for alcançada uma harmonia entre o sublime e a loucura. Sendo necessário um “inextricável e profundo entrecruzamento de sublime e de loucura” (p.114). Os heróis desse gênero romanesco ficam no limiar do sublime e da loucura e, tocados pelo traço do humor, tornam-se figuras trágico-cômicas.

Dessa forma, a grandeza deste tipo de romance está na justa medida da loucura e do sublime para a caracterização de seu herói. Os dois elementos precisam estar em harmonia para que a obra não se torne algo próximo da abstração ou do grotesco. Nesses romances, a despeito de o herói ser um louco, o leitor se envolve e deseja que seja um vencedor, porque ele fica próximo do sublime. Podemos dizer que esta justa dosagem de sublime e de loucura foi encontrada de forma invejável por Cervantes e, posteriormente, nas reescrituras dos textos brasileiros.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] BARRETO, Lima. **Triste Fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Klick, 1997.
- [2] CAL, Ernesto Guerra da. **Problemas do romance cervantino e a sua projeção no romance ibérico**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1973.
- [3] CARVALHO, José C. **O Coronel e o Lobisomem**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- [4] CERVANTES, Miguel. **Dom Quixote de la Mancha**. (trad. Viscondes de Castilho e Azevedo). Porto Alegre: L&PM Pocket, 2005. 2 v.
- [5] FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- [6] LUKÁCS, Georg. **Teoria do Romance**. Lisboa: Presença, 1933.
- [7] REGO, José Lins do. **Fogo Morto**. São Paulo: Klick, 1997.
- [8] RUSSEL, Bertrand. **Realidade e Ficção**. Lisboa: Europa-América, 1965.
- [9] VIEIRA, Maria Augusta da Costa. “Escritura cervantina e mito quixotesco no romance brasileiro”. **Revista Hispania**, v. 85, n. 3, september 2002.
- [10] WATT, Ian. **Mitos do individualismo moderno**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1997.

---

<sup>1</sup> Eunice Prudenciano de SOUZA, Mestre e doutoranda em Letras.

UNESP, Campus de Araraquara, Faculdade de Ciências e Letras, Departamento de Literatura.

[euniceprus@yahoo.com.br](mailto:euniceprus@yahoo.com.br)